

**A AGONIA DA COMUNICAÇÃO
SOBRE VÍNCULOS, LOGROS, MÍDIA E IMAGINÁRIO¹**

**AGONY IN OUR COMMUNICATION:
BONDS, HOAX, MEDIA AND IMAGERY**

Tiago da Mota e Silva²

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão acerca de uma noção de vínculos para a ciência da comunicação. Argumenta-se que a construção desta noção é fundamental para uma mudança de paradigma nos estudos da comunicação, no sentido de abandonar uma abordagem tecnicista e abraçar outra, que leve em consideração os fluxos emocionais, afetivos e imaginários dos fenômenos comunicacionais. Dedicamos-nos mais afincadamente neste último aspecto, o imaginário, articulando a importância dos vínculos da constituição de imagens. Por fim, procura-se entender uma noção de logro, um hiperestímulo vinculativo, sobre os quais operam as mídias na formação de um imaginário mediático e, possivelmente, pornográfico.

Palavras-chave: Vínculos. Imaginário. Pornografia. Teoria da Mídia. Mediosfera.

Abstract

This article proposes a reflection on a notion of bonds to the science of communication. It is argued that the construction of this notion is fundamental to a paradigm shift in communication studies, in the sense of abandoning a technicalist approach and embracing another, which takes into account the emotional, affective and imaginary flows of communicational phenomena. This article dedicates more focus in this last aspect, the imaginary, articulating the importance of the bonds in the constitution of images. Finally, we try to understand a notion of hoax, a binding hyperstimulus, on which the media operate in the formation of a mediatic and possibly pornographic imaginary.

Keywords: Bonds. Imagery. Pornography. Media Theory. Mediasphere.

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 7 – Imaginário e Vínculos, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018. (todas as notas devem utilizar fonte TNR corpo 10, espaço simples)

²Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor assistente em Teorias da Comunicação na Faculdade Cásper Líbero (FCL). E-mail: tiagamotasilva@gmail.com.

“É necessário que aquele que deve estabelecer um vínculo tenha um conhecimento por assim dizer universal das coisas, a fim de ser capaz de prender o homem (o qual é, realmente, o epílogo de todas as coisas)”.

Giordano Bruno

Introdução: Vínculos e Imaginário

A ciência da Comunicação passa por uma mudança de paradigma. E por necessidade. Para pesquisar, refletir e pensar Comunicação no século XXI – tempos em que tal ciência demonstra sua preponderante revelância diante dos complexos fenômenos sociais e culturais –, é preciso reconsiderar alguns de seus pressupostos, construídos ao longo do século XX.

Segundo, Malena Contrera (2017, p. 30) divorciou-se dos estudos sobre comunicação o sentido primordial da própria palavra. “Comunicar” vem do latim *communis*, que designa aquilo que é compartilhado por vários. Comunicar é tornar algo comum, e portanto se aproxima, em seu radical, de outras palavras e seus sentidos, como *comunidade* e *comunhão*. Isso não é necessariamente uma novidade para os pesquisadores do campo. Todavia, com as capilaridades elétricas e eólicas da comunicação humana (Baitello, 2010), por meio dos meios de massa e das tecnologias digitais, passou-se a tratar a comunicação como sinônimo de transmissão, abstraindo dos ambientes comunicacionais, então, seu sentido de presença e partilha. A Teoria Matemática da Informação, de Shannon e Weaver, e, mais tarde, a cibernética, de Norbert Wiener, trataram de levar para as máquinas o imaginário de uma comunicação perfeita, controlável, sem ruídos. Acreditamos que a transmissão redimiria moralmente a humanidade.

A observação dos fenômenos contemporâneos, no entanto, contradizem esses sonhos. Ainda segundo Malena Contrera (2017, p. 28), há uma ação da comunicação humana mediada por aparelhos que continuam a promover o “desencantamento do mundo”, embora, sim, a possibilidade de um reencantamento permaneça no bojo de tais processos. A reestruturação dos paradigmas dos estudos da Comunicação acontece, então, no sentido de compreender a ambivalência dos processos e dos ambientes comunicacionais, que, não sendo prevista, gerou a frustração desse imaginário maquínico para os mesmos.

Aprofundando o argumento de Contrera, esse desencantamento, segundo a autora, pode ser entendido também enquanto processo de “desmagização” do mundo, que retira da

comunicação humana sua noção primordial de “participação mística” ou de “consciência participativa”. Tal fenômeno é, essencialmente, um fenômeno do imaginário, que encontra suporte também, e principalmente, nos meios de comunicação. Logo, segundo Contrera, torna-se impossível “[...] pensar o fenômeno comunicativo sem considerarmos o papel das transformações da consciência humana” (Contrera, 2017, p. 38). A relação estreita entre tais transformações e os meios de comunicação que os condicionaram nos parece cada vez mais explícita. A abstração do corpo em imagem – a primeira forma de abstração na escalada de Vilém Flusser (2008) -- deu suporte às bestas do imaginário que, por sua vez, fundaram os mitos, de função cosmológica, que inundaram o mundo com sua presença mágica. Os espaços se tornam ambientes encharcados de imagens. A escrita, que abstrai a bidimensionalidade da imagem em unidimensionalidade da linha, inaugura uma outra transformação de consciência, aquela que dará gênese à razão e à ciência, paradigmas que se espalharam com grande capilaridade nas relações sociais e nas estruturas do imaginário. Para Contrera (2017, p. 38), o processo de racionalização inaugura uma crise de sentido, um esvaziamento, que nos retira do âmbito das experiências (religiosas, míticas, comunicacionais, afetivas) para o âmbito dos ideais, das ideias e da moral que passam a servir a uma economia de símbolos, atrelada, portanto, a uma percepção funcionalista deste novo mundo e destas novas relações. Continuando no descer dos degraus da abstração, chegamos à nulodimensão, última etapa da desmaterialização do espaço proposta por Flusser, e seu conceito de imagem técnica (1985, p. 10): a imagem feita por aparelhos, e que portanto deriva do texto, que tornam-se também código e programação. Para Flusser (1985, p. 11), as imagens técnicas exercem o fascínio mágico sobre o observador, mas não se comparam à magia emanada pela imagem tradicional, bidimensional, uma vez que as telas dos meios eletrônicos e digitais se colocam em perspectiva histórica e ontológica diversa das imagens dos tumulos ou das cavernas. Segundo o pensador,

A nova magia não precede, mas sucede à consciência histórica, conceitual, desmágica. A nova magia não visa modificar o mundo lá fora, como o faz a pré-história, mas os nossos conceitos em relação ao mundo. É magia de segunda ordem: feitiço abstrato. Tal diferença pode ser formulada da seguinte maneira: A magia pré-histórica ritualiza determinados modelos, mitos. A magia atual ritualiza outro tipo de modelo: programas. (Flusser, 1985, p. 11)

Ainda segundo Flusser (1985, p. 12), a imagem técnica, nulodimensional, vem para substituir a consciência histórica, do texto, por uma consciência mágica de segunda ordem. Conforme todo ato artístico, científico e político converge para ser filmado ou fotografado – ou seja, converge para as mídias –, o universo das imagens técnicas vai demonstrando seus contornos e seus efeitos de apagamento histórico completo.

Repete-se, então, um processo de esvaziamento e uma nova transformação da consciência humana, tomada forma nas mídias eletrônicas e digitais, nos aparelhos que produzem imagens técnicas. Para tal fenômeno, Contrera cria o conceito de Mediosfera. Por meio dele, busca-se compreender a relação entre os imaginários culturais e os imaginários midiáticos, este último capaz de criar uma versão própria do primeiro por meio da edição, composição e seleção de imagens técnicas. Os efeitos disso ainda são discutidos em inspiração, dentre outras, nas obras de Hans Belting (2006) e Dietmar Kamper (2002). Ambos, cada uma sua maneira, observando um apagamento entre as fronteiras do endógeno e do exógeno: aquelas imagens que são parte de uma imaginação ativa, mas que se confundem com outras, que reproduzem o imaginário, cada vez mais sedimentado, e encontram suporte e ampla capilaridade nas mídias.

Retomando a reflexão flusseriana, é preciso buscar o entendimento do que seria essa consciência mágica de segunda ordem da imagem técnica, que, para os objetivos desse artigo, poderíamos tratar como imagem midiática. Persiste nessa imagem uma magia da captura que, conforme argumenta Contrera, molda o imaginário cultural. O mundo mediático encontra-se, então, repovoado dos seres espirituais, mas, pelas imagens das mídias, também está investido no sentido de um constante esvaziamento da experiência, rumo à abstração. Neste contexto, o presente artigo se soma às demais pesquisas e reflexões na tentativa de compreender a ambivalência desses processos ao propor uma análise sobre uma noção que passa a ser central no entendimento do “como” da captura mágica das imagens midiáticas: o vínculo. Uma noção de vínculo pode ser central para o estudo da Comunicação, substituindo o paradigma da transmissão e da informação, oferecendo-se como modo de perceber a ambivalência das diferentes ambiências comunicacionais, bem como apontar caminhos para entender o que, na comunicação mediática e seu exacerbado avanço imagético, nos ata, nos prende. Tal reflexão caminha no sentido de explorar a relação entre vínculo e a formação de imaginários, e como as mídias, ao vincular, também dão forma a imaginários midiáticos. Essa magia da mídia,

porém, não se dá no campo da experiência histórica da imagem tradicional e bidimensional, mas por meio de logros que também atam e geram vínculos.

O indivíduo poroso e uma noção de vínculo

A noção de vínculo advogada neste artigo busca tratar de relações na comunicação que escapam somente um entendimento tecnoinstrumental, como tentou-se argumentar acima ser um equívoco na compreensão. Para isso, é preciso incluir as dimensões sociais e políticas das relações comunicativas, mas também – e nestes aspectos se concentram os esforços da argumentação – as dimensões emocionais, afetivas e imaginárias desses vínculos da comunicação. Todavia, assume-se que a palavra “vínculo” é um daqueles termos que pode ser facilmente apropriado e moldado conforme a intenção ou capricho do postulante ao seu uso. O desafio seria, portanto, dar ao termo algum peso específico, fruto do desenvolvimento metodológico e da pesquisa sobre o mesmo, sem, no entanto, torná-lo rígido, incapaz da sensibilidade tão necessária para a sua compreensão.

Dentre aqueles que se dispuseram a pensar sobre os vínculos, continua enigmático, misterioso e, por conseqüência, irresistivelmente atraente, o tratado de Giordano Bruno (2012), intitulado *De vinculis in genere*. O teólogo medieval e frade dominicano foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição Romana, em 1600, por, dentre outros motivos, envolvimento com magia e adivinhação. A consciência medieval, como tentar-se-á demonstrar mais adiante, é um dos passos fundamentais de investigação para compreender a relação entre vínculos e imaginário. Sobre os vínculos, Bruno escreve:

Esta é aquela força que, por estabelecer vínculos, os platônicos dizem que adorna a mente com a ordem das ideias; que preenche o espírito com a sequência dos raciocínios e com discursos harmoniosos; que fecunda a natureza com sementes variadas; que dá forma à matéria com uma infinidade de condições; que vivifica, aplaca, acaricia, estimula todas as coisas; que move, abre, ilumina, purga, satisfaz, completa todas as coisas. (Bruno, 2012, p. 19).

Na citação acima, Bruno tenta nomear uma força sem nome, aquela que ata. Mais adiante, o teólogo busca descrever quais são as “armas” que, segundo ele, são usadas por aqueles que atam:

As armas daquele que forma vínculos são de três tipos. O primeiro tipo está nele próprio, e comporta duas espécies de arma: as essenciais, sejam naturais, sejam aquelas que provêm da natureza da espécie; e as acidentais ou acrescentadas, isto é, aquelas que se juntam à natureza da espécie, como o

são a sagacidade, a sabedoria e a arte. As segundas coisas encontram-se ao seu redor, como a sorte, a fortuna, o acaso, o que lhe vem ao encontro ou lhe cruza o caminho; e as últimas coisas estão acima dele, como o fado, a natureza e o favor dos deuses. (Bruno, 2012, p. 33).

Revisitando a obra de Bruno, percebe-se como o teólogo identificava algo que, hoje, a ciência da Comunicação busca compreender. Sua consciência medieval, no entanto, não recorre a linearidade do raciocínio lógico, mas nomeia estas coisas pelos nomes que lhe convém, aqueles aos quais o imaginário responde. De todo modo, nessa proto-tipologia daquilo capaz de atar vínculos, Bruno nos fala de três forças que nos vinculam: a primeira esfera é a do corpo, que Baitello (2010, p. 105) trata enquanto capilaridade presencial da comunicação e a magia da sua captura. Em segunda ordem, o que Bruno trata como sorte ou fado, poderia servir para pensar o que ata os seres vivos nos ambientes em que habitam, cujas condições são, sim, obras de um mero acaso – assim, introduzindo uma reflexão sobre o que são os ambientes da comunicação, conforme eles a formatam. A terceira esfera, habitada pelos seres do espírito – que Edgar Morrin trata enquanto Noosfera – convida para o estudo de como o imaginário e suas bestas nos vinculam um aos outros. Mais uma vez, torna-se impossível pensar a Comunicação sem perceber esses movimentos de consciência e imaginário.

Em suas pesquisas sobre os processos de resiliência no campo da pesquisa em etologia, Boris Cyrulnik (1997) introduz contribuições fundamentais sobre o papel do vínculo nesse complexo processo de atribuição e construção de sentido. Por meio do estudo e da análise etológica de Cyrulnik, é possível rastrear na evolução da espécie o desenvolvimento desta relação corpo e ambiente e, enfim, as causas biológicas para a formação daquela terceira esfera, capaz de nos vincular por coisas invisíveis.

Para tal objetivo, o conceito importante introduzido pelo autor é o de indivíduo poroso. Para ele, “o indivíduo é ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quando o biotipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, ao ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente” (Cyrulnik, 1997, p. 92). Em outros termos, o etólogo contesta o que ele considera ser uma “armadilha do pensamento” (Cyrulnik, 1997, p. 91): acreditar que o indivíduo é um ser compacto, atomizado, dividido. Ainda segundo o autor, “se possuímos em nós a loucura de viver, devemos procurar as situações por onde seremos penetrados pelos elementos físicos [...]; pelos elementos sensoriais [...]; por elementos sociais [...]” (Cyrulnik, 1997, p. 91-92). Esta concepção de

indivíduo poroso nos permite compreender que um indivíduo se liga, pelos seus poros, ao seu ambiente e ao seu outro, e estes passam a fazer parte da sua constituição. Cyrulnik irá tratar esse fenômeno enquanto uma “comunicação porosa (física, sensorial e verbal) que estrutura o vazio entre dois parceiros e constitui a biologia do ligante” (Cyrulnik, 1997, p. 92).

De todos os seres, ainda continuando no argumento de Cyrulnik, o humano é o mais capaz para essa comunicação porosa. Afinal, o humano é um ser hipersensorial. Ao passo que, por meio dos sentidos, podemos comover e agir sobre o outro; cativá-lo, tomar a sua consciência e projetar sobre ele nossa expectativa. E assim o fazemos para o tomar. Vincular é um ato de captura, na qual a outra parte permite ser capturada, porque há prazer em ser cativado. O vínculo é delicioso.

Este indivíduo poroso, atravessado pelo ambiente, pelos sentidos e pelas palavras, passa, portanto, a se constituir no outro. Os exemplos mais evidentes desse processo estão nos vínculos mais primordiais ao longo do desenvolvimento humano: os vínculos maternal e filial. Ashley Montagu (1988, p. 63) demonstra como o vínculo com a mãe é crucial no desenvolvimento do bebê recém-nascido. O bebê humano nasce imaturo, se comparado a outros mamíferos ou até mesmo a outros primatas. Ao longo de toda a gestação, a mãe é preparada para dar sustentado ao bebê fora do útero – período conhecido como exterogestação – numa relação de unidade simbiótica. Até o três anos, a criança irá desenvolver 90% do seu crescimento cerebral, o que exigirá dessa relação simbiótica, principalmente no primeiro ano, uma relevante intensidade de estímulos que se dá no âmbito do vínculo entre mãe e filho. Desde o parto, quando as contrações do útero estimulam o bebê, pelo toque, a “acelerar” o desenvolvimento do seus sistemas circulatório e respiratório, incluindo a amamentação e o feitiço que ali se estabelece, o vínculo demonstra sua importância na constituição de um novo indivíduo. Também Dieter Wyss (1975) demonstra como este vínculo é fundamental na construção de percepção espacial e temporal do humano, ainda bebê. A primeira experiência – ou a experiência prelógica – de espaço e tempo de uma criança se dá na relação com este outro corpo. Na relação simbiótica com a mãe, o espaço percebido é o do corpo de sua mãe. Separar-se deste outro corpo é como disorciar-se de parte de si mesmo. Assim como as primeiras percepções de tempo se dão em intervalos de fome e saciedade, entre uma mamada e outra, os tempos entre separação e reunião com o corpo da mãe.

Esse vínculo tem capacidade enfeitiçadora. Cyrulnik irá descrever esse vínculo como “encantamento” em diversos trechos de sua obra. Esse encantamento, com o mundo e com o

outro, começa a aprezer nos primeiros minutos após o nascimento, quando o bebê chupa as extremidades mais sensíveis do seu corpo, seus dedos e pés. Sair do útero e viver, agora, num mundo aéreo, introduziu uma carência ao indivíduo que acaba de nascer, de fome e de frio, que o força ao vínculo, a encantar o outro – sua mãe, por exemplo – para que este outro o forneça nas suas necessidades.

Filogênese e Ontogênese dos vínculos

Etapa fundamental, portanto, da compreensão desta noção de vínculo parte do pressuposto básico da etologia de que é num outro que nasce o sentimento de si (Cyrulnik, 1997, p. 235). A construção do sentimento de si tem, de um lado, uma raiz biológica do prazer provocado pelo aumento de dopamina enquanto reação ao toque e ao contato com este outro. Por outro lado, também terá uma raiz social, no caso humano, no qual não só o toque estimula, mas a mera percepção do outro gera um vínculo que será evocado por um teatro. É por meio deste salto evolutivo, do toque ao teatro, que começamos a explorar a intrínseca relação entre vínculos e imaginário na comunicação humana.

Para chegar em tal ponto, todavia, é preciso perceber o percurso que nos traz a este fenômeno. Para Cyrulnik (1997, p. 236-237), podemos definir três períodos do desenvolvimento da comunicação porosa tanto na perspectiva filogenética – na evolução das espécies – quanto na ontogenética – no desenvolvimento do indivíduo. São elas: *Estar-dentro*, *estar-com* e *fazer-como-se*.

Na perspectiva filogenética, o *estar-dentro* é observável em organismos que não desenvolveram adaptação para desvincular-se do meio ambiente em que habitam. Plantas precisam estar o tempo todo em contato com a terra e com a umidade, de onde tiram sustento. Confundem-se, portanto, com seu meio ambiente. Conforme os organismos desenvolvem formas de descontextualização, entra-se na fase *estar-com*. Esses indivíduos irão desenvolver maneiras de se diferenciar do seu meio ambiente imediato. Entre os pássaros e mamíferos, por exemplo, já há um cérebro suficientemente descontextualizador e um sistema eficiente de homeotermia para aparição de duas raízes do que virá a ser o fundamento da cultura, entre os humanos (Bystrina, 1990): o sonho e o jogo. Separados do meio ambiente, esses indivíduos conseguem agir nele, por meio das brincadeiras, externalizando seus aprendizados, e ter sono paradoxal, ou sonhar com ele, internalizando sua experiência (Cyrulnik, p. 227-228). O jogo e

o sonho prepararão para o mundo da palavra, do teatro, das imagens e da mentira. O mundo do *fazer-como-se*, em que o indivíduo se torna apto de representar o que está ausente.

Da perspectiva ontogenética, a trajetória é semelhante. Nos seis primeiros meses de um bebê, o rosto da mãe impede a organização dos sentimentos da criança (Cyrulnik, 1997, p. 236). O mundo de ambos são o mesmo – trata-se de um *estar-dentro*. A tristeza ou alegria da mãe são transmitidas ao bebê pelos gestos e pelas expressões. A partir dos seis meses até os dois anos, quando a criança ainda se prepara para a palavra, dá-se o *estar-com*. A criança parte para a exploração sensorial do seu mundo. Estende-se para ver, coloca tudo à boca. Começa a perceber o rosto do outro e sorri para ele. Sente um imenso prazer ao compreender que seu sorriso manipula no outro uma reação. Ela irá chorar se cair em frente à mãe, apelando para ter seu cuidado, mas não choraria se caísse e não houvesse outro em volta. A criança diferencia a si mesmo desse outro, e aprende que pode capturá-la com seus gestos. A partir do segundo ano, com o desenvolvimento da fala, a criança entra em um mundo de representações. A estratégia do *como se* se torna parte de suas brincadeiras e de como ela passa a se relacionar com esse outro. O teatro e a palavra, as representações de coisas invisíveis, levam capturar também por uma “percepção semiotizante” (Cyrulnik, 1997, p. 98).

A capacidade enfeitiçadora de um vínculo é descrita, por Boris Cyrulnik, com uma noção de encantamento. De modo geral, um encantamento pode ser entendido como aquilo que movimentava os vínculos. Um disparo, um acontecimento que cativa e captura o indivíduo que é dotado da comunicação porosa. Trata-se da capacidade de comover e agir o outro por meio de uma comunicação é hipersensorial. É pelas vias dos sentidos que o encantamento cativa e captura. É por uma sonoridade, um estímulo visual, um paladar, um odor ou um gestual que um indivíduo organiza sua intenção para tomar o outro. Porém, na passagem para o *fazer-como-se*, a comunicação humana se torna capaz de encantar por meio do que Cyrulnik trata por “despercebido perfeito” (Cyrulnik, 1997, p. 98-99).

A observação deste momento pode ser bastante simples. A criança que é capaz de sentir prazer em uma brincadeira de “cadê o bebê” já pratica sua capacidade de perceber o despercebido. Quando o rosto do outro se esconde por trás de suas mãos ou um guardanapo, aquela imagem visual aliada a imagem sonora da vocalização infantilizada já constitui uma percepção semiótica que põe na expectativa de uma representação. A criança não percebe o rosto, que se esconde, mas, por meio de um padrão de gesto e fala, projeta a sua aparição. O prazer vem justamente dessa expectativa e da sua capacidade de imaginar o rosto ausente.

Quando estiver mais velha, sentirá enorme prazer quando um adulto gritar “vou te pegar!”. A mera vocalização daquelas palavras já movimentava emoções na criança e age sobre o seu imaginário ao criar uma expectativa de realização daquela promessa.

A angústia que leva ao “fazer-como-se”

A passagem para o *fazer-como-se* é momento fundacional da cultura humana. Isso porque, para Cyrulnik (1997, p. 101), passar a viver em um mundo do despercebido obriga o humano a se adaptar a um meio ambiente que não é tão somente físico, mas também simbólico e imaginário. Agora, esse ambiente se torna habitado pelos despercebidos. Os animais, que dividem conosco o mundo físico, conhecem assim como nós o medo que leva ao ato (Cyrulnik, 1997, p. 101). Para eles, diante de um predador, só restará a estratégia da fuga ou da ruína. O humano antecipa seu predador, projeta sobre o mundo a consciência de sua própria morte. Diferentemente dos demais animais, o humano também conhece o mundo da angústia. Enquanto o medo possui objeto material, a angústia é o medo do despercebido. O mundo da angústia o obriga a compreender e a falar. Obriga a criar imagens para criar um mundo e representações que o tranquilizem. O mundo da angústia o obriga à cultura.

É com esta chave de interpretação que torna-se possível explorar a ambivalência dos vínculos. Vicular-se é parte da capacidade constitutiva do indivíduo. Ele é poroso, atravessado de vínculos que o amarram. Mas este indivíduo também se tornará encharcado de imagens, de representações e de despercebidos perfeitos. O vínculo é sempre ambivalente porque, não podendo nenhum de nós simplesmente negar o imaginário que nos habita e no qual habitamos, este vínculo, embora nos console, também sempre será mobilizado por uma angústia. A comunicação humana é mobilizada por esta angústia.

Neste ponto, retornamos a consciência mágica medieval de Giordano Bruno, sobre as classes de “armas” usadas para atar com vínculos, sendo a mais elevada delas justamente aquelas que se referem ao imaginário. Para compreender o que implica viver em um mundo habitado por esses despercebidos, recorrer ao estudo da Idade Média se apresenta como estratégia relevante nos estudos da Comunicação. Johan Huizinga (2010) relata em seu primoroso *Outono na Idade Média* sobre como estruturas imaginárias eram parte do cotidiano da vida medieval, estabelecendo vínculos fortes em torno de ideais de cavalaria, de amor e do sagrado. Inclusive a vida política e os negócios dos príncipes dispunham de elementos

fantásticos. Em um dos relatos, Huizinga (2010, p. 21) conta sobre o príncipe Filipe, o Bom, de Borgonha. Em 1456, ele mandou trazer de Lille dois baús cheios com 200 mil leões de ouro. Na época, holandeses e frísios suspeitavam de sua falta de fundos para conquistar o bispado de Utrecht. Impôs-lhe um desafio: quem quisesse, poderia tentar levantar o baú. Como em uma brincadeira, manipulou o imaginário de seus convidados levando-os a acreditar que não haveria dúvida quanto a sua fortuna.

O logro como forma de vincular

Essa angústia que leva ao vínculo e a capacidade de afetar o outro, criando sobre ele uma expectativa, nos leva a última noção que este artigo busca articular na obra de Cyrulnik: o logro. Segundo o autor,

O homem, devido à aptidão biológica para a empatia e a palavra, pertence, certamente, à espécie mais influenciável, não apenas porque percebe a sensorialidade do contexto que o pode cativar, mas também porque, sob o efeito das palavras dos outros, pode pôr-se no lugar deles e experimentar um sentimento provocado pelos seus relatos. (Cyrulnik, 1997, p. 103-104)

A capacidade de ser encantando por despercebidos perfeitos nos coloca como lançadores de sortilégios, nesta busca de capturar o outro. São sortilégios movidos pela angústia de pertencer e querer ser pertencente, no prazer que há de projetar sobre outros expectativas e imagens. Neste sentido, o vínculo pode ser disparado por um logro, um artifício, que possui forte poder de atração porque nosso organismo está ávido dele, porque nos revela aquilo que mais desejamos (Cyrulnik, 1997, p. 187).

O logro é uma forma de supersinal, um hiperestímulo que se apresenta de maneira irresistível. Para capturar um sapo, seu enfeitiçamento consiste em fabricar cópias de moscas. O que o fascinará é o movimento das falsas moscas que o farão saltar para abocanhá-las (Cyrulnik, 1997, p. 188). O autor trata o logro como um “estímulo desencadeador exagerado” (1997, p. 189), cuja existência comprova que a evolução é constante, visto que o logro dá ao indivíduo a oportunidade de uma nova adaptação.

Ainda sobre o logro, Cyrulnik (1997, p. 191) descreve que esse supersinal precisa criar no indivíduo uma sensação de acontecimento. Para isso, esse hiperestímulo precisa variar de intensidade para criar uma diferença sensorial em um intervalo de tempo, a partir do qual seria possível emergir uma representação. A percepção de um mundo estruturado por imagens

em um tempo ritimado cria essa sensação de algo absurdamente novo, capaz de capturar e governar o indivíduo.

Dentre o catálogo de logros que há dentre as espécies, estes costumam se organizar em três temas: alimentos, território e sexo (Cyrulnik, 1997, p. 191). São esses três temas, afinal, que mobilizam vínculos, que criam a carência que força os indivíduos a irem ao meio ambiente para supri-la. Entre humanos, essas carências, porém, são completamente habitadas por estruturas imaginárias. Ainda segundo Cyrulnik (1997, p. 192), a imperfeição do sinal do logro também pode gerar três categorias emocionais que governam o mundo vivo: o horrível, o bem-estar e a maravilha. É como no exemplo da tartuga aligator, cuja língua é semelhante a um verme. Debaixo d'água e de boca aberta, a tartaruga movimenta a língua, criando um logro que maravilha um peixe e o mobiliza para o que apenas aparenta ser um alimento. E assim, será o peixe devorado.

A mídia como geradora de logros: o pornográfico enquanto categoria

A comunicação humana também é capaz de seus logros, que nos mobilizam – seja para o horror, seja para o bem-estar, seja para a maravilha – não só por supersinais sensoriais hiperestimulantes, mas também por meio de um imaginário exuberante que é, ao mesmo tempo, exagerado e cada vez mais sedimentado. Aqui, portanto, voltamos ao conceito de Mediosfera, de Malena Contrera. Conforme as mídias filtram a noosfera, ou imaginário cultural, e retiram dele seu lastro, oferecem essencialmente logros que nos atam por meio de estruturas imaginárias, agora mediáticas.

Alguns são os autores que nos ajudam a pensar nesta forma de vinculação. A imagem técnica, de Vilém Flusser, descreve uma forma de magia da captura que permaneceu enquanto catástrofe sem nome em sua obra. Baitello e Ribeiro (2013) contribuem ao articular vínculos culturais, aqueles que pertencem à comunicação primária do corpo e dos rituais, em contrapartida aos vínculos hipnógenos, relacionados à comunicação midiática; ou seja, geradores de hipnose. Também na obra de Cyrulik (1997, p. 114), a hipnose surge como efeito tranquilizador, que captura sensorialmente e pela manipulação também dos conteúdos simbólicos e imaginários.

Associando esta reflexão à obra de Dietmar Kamper (2002), poderia-se argumentar que a compreensão do logro midiático seria uma dar partes para se aproximar de um

entendimento para a maneira como estruturas imaginárias, das mídias e das telas, se colam imediatamente ao inconsciente, produzindo uma realidade que é também fantasiosa – como num retorno à consciência medieval. “Não temos nenhuma possibilidade de jogar o real e o simbólico contra o imaginário” (Kamper, 2016, p. 30).

Kamper (2016, p. 32) utiliza o *voyer* e o pornográfico como metáfora para esse fenômeno. Há um direcionamento em sua obra para interpretar a cultura midiática como aquela do excesso, principalmente do excesso da visibilidade, que não permite mais o segredo.

Aqui, o pornográfico vira exemplo de um logro das mídias. Pesquisas chefiadas pelo neurologista Gary Wilson (2016) sugerem que há uma relação entre consumo pornográfico na internet e aumento de incidência de disfunções sexuais em jovens. Segundo argumento de suas pesquisas, o conteúdo pornográfico é um acontecimento, um hiperestímulo. Conforme ele varia em um ritmo de tempo, aumenta a expectativa sobre ele graças aos mecanismos de prazer e recompensa do cérebro. A expectativa se torna tão alta, que dificilmente esse jovem consegue ser capaz de manter uma ereção com um parceiro ou parceira. Mas o pornográfico não serve apenas como exemplo desse processo. A partir de Kamper, pode ser entendido como uma possível categoria de análise para o logro nas mídias. O pornográfico não apenas como uma estética da imagem midiática, mas como qualidade da imagem midiática, passível de descrição também graças à noção de vínculo apresentada. Um vínculo de natureza imaginária, mobilizado por um logro capaz de movimentar emoções de maravilha, bem-estar ou horror e que, de tão potente, atravessa aquele com quem atua, capturando-o e passando também a governá-lo e constituí-lo.

Referências

Baitello J. Norval (2010). A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus.

Baitello J. Norval; Silva, Maurício Ribeiro (2013). Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. In Anais do XXII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Salvador: UFBA.

- Contrera, Malena Segura. (2017). *Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo*. Porto Alegre: Imaginalis.
- Contrera, Malena Segura. (2014). *Simpatia e Empatia – Mediosfera e Noosfera*. In Norval Baitello Junior e Christoph Wulf (Orgs.), *Emoção e Imaginação: Os sentidos e as imagens em movimento*. São Paulo: Estação das Letras e das Cores.
- Beltings, Hans. (2006). *Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia*. GHREBH – Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. Número 8 , pags 32-60.
- Bruno, Giordano. (2012). *Os vínculos*. São Paulo: Hedra.
- Bystrina, Ivan. (1990). *Cultura e Devoração: As raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos culturais*. Palestra proferida na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 12 de outubro de 1990.
- Cyrułnik, Boris. (1997). *Do Sexto Sentido: O Homem e o Encantamento do Mundo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Flusser, Vilém. (1985). *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Flusser, Vilém. (2008). *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.
- Heilmar, Alex. (2015). *Imagem e força da imaginação em Hans Belting e Dietmar Kamper: possíveis contribuições para uma nova teoria da imagem*. In *Anais do V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero.
- Huizinga, Johan. (2015). *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify.
- Kamper, Dietmar. (2002). *Fantasia*. In Christoph Wulf (Org.), *Cosmo, Corpo, Cultura: Enciclopedia Antropologia*. Milão: Ed. Mondadori.
- Kamper, Dietmar. (2016). *Mudança de Horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...* São Paulo: Paulus.
- Menezes, José Eugenio de Oliveira (2016). *Cultura do Ouvir e Ecologia da Comunicação*. São Paulo: UNI.
- Montagu, Ashley (1988). *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus Editorial.
- Wyss, Dieter. (1975). *Estructuras de la moral: estudios sobre la antropologia y genealogia de las formas de conducta Morales*. Madri: Editorial Gredos.

Wilson, Gary; Park, Brian Y; Berger, Jonathan; Christman, Matthew; Reina, Bryn; Bishop, Frank, Klam, Warren, Doan, Andrew. (2016) Is Internet Pornography Causing Sexual Dysfunctions? A Review with Clinical Reports. Behavioral Science. Número 17, volume 6.